

Déficit comercial Brasil-EUA pode dobrar este ano

Saldo das transações comerciais entre os dois países despenca quase 80% entre os meses de janeiro e outubro

Juliana Rangel

jrangel@brasileconomico.com.br

Os Estados Unidos (EUA) não só irão consolidar sua posição de exportadores líquidos para o Brasil em 2010, conquistada no ano passado, como o déficit comercial do Brasil com o país irá praticamente dobrar em relação a 2009. Até outubro desse ano, as exportações brasileiras para os EUA estavam em US\$ 15,590 bilhões, enquanto as importações somavam US\$ 22,465 bilhões. O saldo negativo, de US\$ 6,875 bilhões, mostra aumento de 79% frente a 2009 durante o mesmo período.

Até 2008, entretanto, o Brasil mantinha saldo comercial com o país, de US\$ 1,797 bilhão. Dois anos antes, a vantagem chegava a quase US\$ 10 bilhões.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), até 2008, antes da crise, as exportações brasileiras para o país estavam em US\$ 27,423 bilhões. Em 2009, despencaram para US\$ 12,918 bilhões (-52,9%), e, nesse ano, o crescimento foi de 20,68%.

O secretário de Comércio Exterior do Brasil, Weber Barral, diz que o resultado só não foi pior por conta de um comércio intrafirma consolidado. Ou seja, as operações realizadas entre matrizes e subsidiárias que atuam em ambos os países.

“As importações americanas caíram no mundo todo, inclusive do Brasil. Hoje exportamos mais ou menos 60% do que exportávamos em 2008. Apesar da situação atual, recuperamos mais mercado que outros países”, disse, com exclusividade ao **BRASIL ECONÔMICO**.

Na importação, diz ele, o problema é que o incentivo foi maior em função do dólar mais fraco e do crescimento da demanda industrial no Brasil, já que a indústria está comprando máquinas e equipamentos de fora. “Alguns produtos importantes tiveram quedas, como a

Igo Estrela/Pixel Imagem



Welber Barral
Secretário
de Comércio
Exterior do MDIC

“As importações americanas caíram no mundo todo. Hoje exportamos cerca de 60% do que exportávamos em 2008”

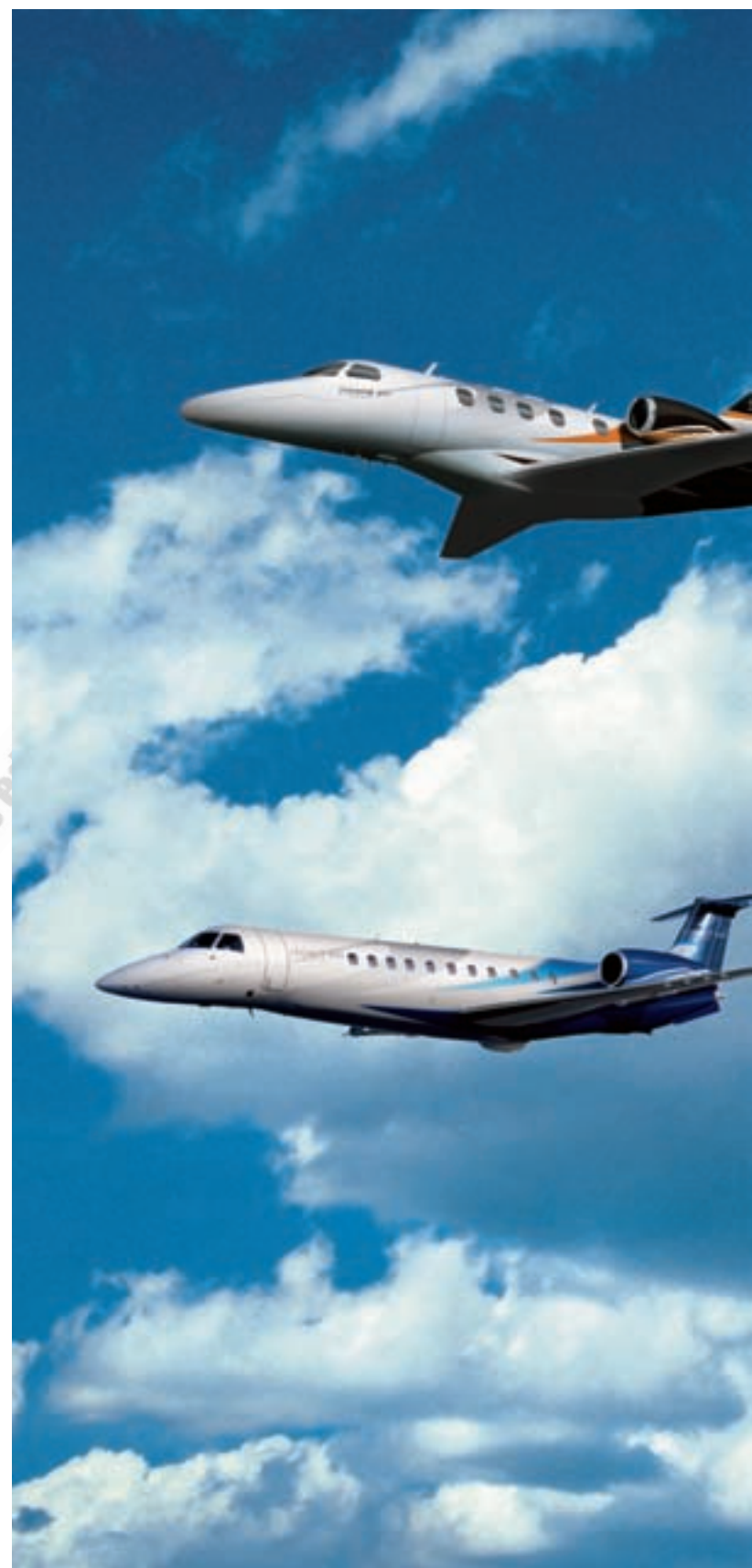
exportação de jatos executivos”, destaca. Outro segmento que vem sofrendo, de acordo com ele, é a indústria química. “É um segmento particular porque exige investimento grande de capital e tem margem de lucro pequena. Nos EUA, como a economia local não está consumindo, eles temem a sobra de produtos e isso fomenta a prática de dumping (venda abaixo do preço do mercado)”, diz.

Atualmente existem cinco medidas antidumping do Brasil contra os EUA que se referem ao setor químico, e quatro investigações em curso no MDIC.

Diálogo aberto

Segundo Barral, existe disponibilidade de manter um diálogo aberto com os EUA para melhorar as relações comerciais. Neste ano, já houve quatro encontros de representantes do governo com o embaixador dos EUA no Brasil, Thomas Shannon, para debater o tema inovação. Também foi criado um grupo para facilitar o comércio, que debate padrões comuns para rádio digital, têxteis e móveis, para evitar novas barreiras.

O embaixador Thomas Shannon comemorou a formação de três acordos importantes entre Brasil e EUA nos últimos dois dias: uma parceria virtual entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Serviço de Pesquisa sobre Agricultura do país para a troca de informações e atuação em países pobres. Há ainda um acordo para a troca de experiência entre militares sobre preservação do meio ambiente e também o acordo de Céus Abertos, que prevê a liberalização total das operações aéreas entre os dois países em 2015. “No início do governo Lula, o Brasil era uma potência regional com ambições globais. No fim do governo, o Brasil é uma potência global com ambições regionais e responsabilidade internacional”, diz Shannon. ■



DÉFICIT EM 2010

US\$ 6,8 bi

É o déficit comercial entre Brasil e Estados Unidos no acumulado do ano até outubro. O valor supera em 79% o déficit obtido no ano passado.

SUPERÁVIT ATÉ 2006

US\$ 9,7 bi

Era o saldo positivo do Brasil com os EUA em 2006, na mesma comparação. Em 2007, antes da crise, o saldo foi positivo em US\$ 6,4 bilhões.

SETOR QUÍMICO

5 medidas

é a quantidade de ações antidumping do setor químico brasileiro contra os EUA, segundo o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

EXPORTAÇÕES

20,7%

É o aumento das exportações do Brasil para os EUA neste ano. Mas o país não se recuperou das perdas da crise. Além disso, elevou as importações em 34%.



Redução de vendas de jatos executivos, por exemplo, teve forte impacto no comércio entre os países

Posição do Brasil sobre Irã provoca saia justa em encontro de comércio

A forma como o governo do presidente Lula se posiciona nas relações internacionais com o Irã e a Palestina causou uma saia justa ontem, durante encontro do Conselho Empresarial Brasil-EUA. Questionado sobre as divergências com seu país, o embaixador dos EUA Thomas Shannon tentou não polemizar. "Nossos pontos de convergência são muito maiores que os pontos de divergência", disse, ressaltando que ambos os países têm muito a fazer para melhorar sua parceria no âmbito comercial. Já o diretor do

Departamento de Estados Unidos, Canadá e Assuntos Interamericanos no Ministério das Relações Exteriores, Carlos Henrique de Abreu e Silva, lembrou que mais de 100 países reconheceram o Estado da Palestina e disse que Israel foi o primeiro o país desenvolvido com o qual o Brasil fez um acordo de livre comércio. Sobre o Irã, ele afirmou que o Brasil implementou as sanções aprovadas pelo Conselho de Segurança da ONU. "Talvez a diferença seja mais de timing e de estilo, pois temos

modos diferentes de atuar", disse. "Mas creio que é a visão do Itamaraty, de que o diálogo de parceria global que esperamos ter vai permitir o aprofundamento de conversas sobre temas da agenda global delicados e uma melhor compreensão mútua." O presidente da Câmara Americana de Comércio, Roberto Abdenur, disse que os EUA não devem se impressionar com a posição "nômala" do Brasil sobre o Irã e que nem sempre a vontade de um líder reflete os anseios da população. **J.R.**